

politics
of silence

**políticas
do silêncio**

Politics of Silence
Políticas do Silêncio

Artistic direction and editorial coordination
Direção artística e coordenação editorial
Luísa Santos

Editorial assistance
Assistência editorial
Ana Fabíola Maurício

Texts
Textos
Djamila Ribeiro
Grace Samboh and / e Rachel K Suriyata
RAW Académie (a text by / um texto de Koyo Kouoh;
Marie Hélène Pereira; Dulcie Abrahams Altass;
Tabara Korka Ndiaye; and / e Fatima Bintou Rassoul SY)
Luísa Santos
Mari Norbakk
Nav Haq
Rado Ištok
Same Mdluli
Yemisi Aribisala

Visual essays
Ensaaios visuais
Blanca Gracia
Délio Jasse
Jabulani Maseko
Johan Tirén
Jane Jin Kaisen
Michelle Eistrup
Mónica de Miranda
Saba Bereket Persson

Tradução
Translation
Henrique Frederico Rocha

Graphic design
Design gráfico
vivoesusébio

Workshops
Ana de Almeida (coord.)
Ana Fabíola Maurício (coord.)
Susana Anágua

Videos
Vídeos
Julia Flamingo
Sofia Saleme

ISBN
978-989-53237-2-2

Legal deposit
Depósito legal
488416/21

politics of silence

políticas do silêncio

Publication made possible with the support of the República Portuguesa - Cultura I DGARTES – Direção-Geral das Artes, the Danish Arts Foundation and in collaboration with the HANGAR and the nanogaleria. Publication edited by the CECC-Centro de Estudos de Comunicação e Cultura, Universidade Católica Portuguesa in the context of the European cooperation project 4Cs – From Conflict to Conviviality through Creativity and Culture, co-financed by the Creative Europe programme of the European Union.

Publicação com o apoio da República Portuguesa - Cultura I DGARTES – Direção-Geral das Artes, da Danish Arts Foundation e em colaboração com o HANGAR e a nanogaleria. Uma edição do CECC-Centro de Estudos de Comunicação e Cultura da Universidade Católica Portuguesa no contexto do projeto de cooperação europeia cofinanciado pelo programa Cultura da Europa Criativa da União Europeia 4Cs – From Conflict to Conviviality through Creativity and Culture.

TABLE OF CONTENTS

6 A tribute to silence
Luísa Santos

TEXTS

- 12 Smothered voices: essay on violence against black women in Brazil
Djamila Ribeiro
- 20 Evenly divided only to themselves: processing thoughts on research, senses, and understanding life
Grace Samboh and Rachel K Surijata
- 34 *Remedy-ation* in the work of RAW Material Company
RAW Académie*
- 48 The roaring silence of martyr-making: revolutionary spaces, women and the politics of silence
Mari Norbakk
- 58 The Invisible and the Visible. Identity Politics and the Economy of Reproduction in Art
Nav Haq
- 78 Strangers in the Country House: In the Light of the Mute Torchbearers
Rado Ištok
- 100 A Silent Act: The silence(d) life of Robert Sobukwe in South Africa's political landscape
Same Mdluli
- 112 Agaracha Whistle but Good Women Sing in Kitchens
Yemisi Aribisala

VISUAL ESSAYS

- 138 Echo and Narcissus
Blanca Gracia
- 144 J'ai le devoir de mémoire
Délio Jasse
- 156 A Rumble in the Jungle
Jabulani Maseko
- 166 Apertures | Specters | Rifts
Jane Jin Kaisen
- 184 Six notes on silence
Johan Tirén
- 192 Breathing archives
Michelle Eistrup
- 208 Red Horizon
Mónica de Miranda
- 216 (untitled)
Saba Bereket Persson

ÍNDICE

7 Um elogio ao silêncio
Luísa Santos

TEXTOS

- 13 Vozes sufocadas: ensaio sobre violência contra as mulheres negras no Brasil
Djamila Ribeiro
- 21 Divididos igualmente apenas para si próprios: processar pensamentos sobre investigação, os sentidos e compreender a vida
Grace Samboh e Rachel K Surijata
- 35 *Remedi(o)-ação* no trabalho da RAW Material Company
RAW Académie
- 49 O silêncio estrondoso do fabrico de mártires: espaços revolucionários, mulheres e a política do silêncio
Mari Norbakk
- 59 O Invisível e o Visível. Políticas de Identidade e a Economia de Reprodução na Arte
Nav Haq
- 79 Estranhos na Casa de Campo¹: À luz dos Portadores de Tocha Mudos
Rado Ištok
- 101 Um Acto Silencioso: A vida silenciada de Robert Sobukwe na paisagem política da África do Sul
Same Mdluli
- 113 As *Agaracha* Assobiam mas As Mulheres de Bem Cantam nas Cozinhas
Yemisi Aribisala

ENSAIOS VISUAIS

- 139 Eco e Narciso
Blanca Gracia
- 145 Eu tenho o dever de lembrar
Délio Jasse
- 157 Um Estrondo na Selva
Jabulani Maseko
- 167 Aberturas | Espectros | Fendas
Jane Jin Kaisen
- 185 Seis notas sobre o silêncio
Johan Tirén
- 193 Arquivos que respiram
Michelle Eistrup
- 209 Horizonte Vermelho
Mónica de Miranda
- 217 (sem título)
Saba Bereket Persson

Evenly divided only to
itselfes: processing thoughts
on research, senses,
and understanding life

[Fragment 79, we]

The routine below is an attempt to bring you to our daily soundscapic experience, either from Jakarta, the capital, where we grew up; or from Yogyakarta the so-called vibrant cultural center that is also known as a university town where we write this text from; or from Medan, one of the metropolitans of Sumatra; or from Makassar, one of the biggest port towns in the archipelago; or from Majalengka the soon-to-be biggest industrial district in Java; or Banjarmasin, the river city of Borneo; ...

Location: In suburbs or middle-class housing areas in towns, cities and megapolitans, but not necessarily in high-class areas

4.20 am	Cuck-koo... The rooster will wake you! It is indeed still every-where. And if not, give it another ten minutes... <u>Volume approximation:</u> A surprising conversation scene in the cinema.
4.30 am	<i>Adzan subuh</i> (Islamic call for prayer) from all the mosques and musallahs around you. <u>Volume approximation:</u> A heated-conversation scene in the cinema.
6.30 am	Mobile-carted vegetable sellers, on foot, on motorbikes, or even cars, will make themselves heard, usually by ringing bells that they carry or honking their horns. <u>Volume approximation:</u> School bells! Yup, it varies indeed! Some can be as loud as public schools or some can be as eerie as old-religious schools.
6.45 am	Cars, motorbikes, chit-chatters of people on the street

Divididos igualmente apenas
para si próprios: processar
pensamentos sobre
investigação, os sentidos
e compreender a vida

[Fragmento 79, nós]

A rotina que se segue é uma tentativa de trazer o leitor para dentro da experiência diária da nossa paisagem sonora, quer a de Jacarta, a capital, onde crescemos; ou a de Yogyakarta, o chamado centro cultural vibrante, que também é conhecido como cidade universitária, de onde escrevemos este texto; ou a de Medan, uma das metrópoles de Sumatra; ou a de Makassar, uma das maiores cidades portuárias do arquipélago; ou a de Majalengka, que em breve será o maior bairro industrial de Java; ou a de Banjarmasin, a cidade dos rios do Bornéu;...

Localização: Nos subúrbios ou zonas habitacionais de classe média em vilas, cidades e megalópoles, mas não necessariamente em áreas de classe alta

4:20	Cocorocó... O galo acorda-nos! Ainda acontece, de facto, por toda a parte. Senão, é dar-lhe mais dez minutos... <u>Estimativa de volume:</u> Uma cena surpreendente de conversa no cinema.
4:30	<i>Adzan subuh</i> (chamada à oração islâmica) de todas as mesquitas e <i>musallahs</i> à nossa volta. <u>Estimativa de volume:</u> Uma cena de conversa acalorada no cinema,
6:30	Vendedores de vegetais com os seus carrinhos, a pé, em motos, ou até carros, far-se-ão ouvidos, normalmente tocando campainhas que trazem com eles ou apitando as suas buzinas. <u>Estimativa de volume:</u> Campainhas da escola! Ya, varia de facto! Algumas podem ser tão barulhentas como as de escolas públicas ou outras tão sinistras como as de algumas velhas escolas religiosas.
6:45	Carros, motos, tagarelar de pessoas nas ruas.

	<u>Volume approximation:</u> The constant domestic soundscape (washing machine, fan, dishes being washed, cooking and kitchen activities, someone shouting at someone else's name). And, yes, add your mundane domestic sound to this! NOTE: This will last ALL DAY until the point where we'll mark when it tones down.
11.00 am	It's rather quiet at home, at this point.
12.00 am	<i>Adzan dzuhur</i> (Islamic call for prayer) from all the mosques and musallahs around you. <u>Volume approximation:</u> A typical conversation scene in the cinema, it is somewhat lower due to other environmental soundscapes. If you're not home, it'll be chit-chats of people heading for lunch break along with the heightening transportation sound (car, motorbikes, busses, their horns honking due to traffic, etc).
01.00 pm	At home, it will rather be quiet. At work, it's peak time!
03.00 pm	<i>Adzan ashar</i> (Islamic call for prayer) from all the mosques and musallahs around you. <u>Volume approximation:</u> A typical conversation scene in the cinema. In some areas, it is common to hear children learning to cite Koran through the mosques or musallahs' megaphones at this point of the day.
04.00 pm	Mobile street food vendors (such as noodle and meatball soup, etc) <u>Volume approximation:</u> Your gym or sports teacher shouting at your wrong moves during school days.
05.45 pm	<i>Adzan maghrib</i> (Islamic call for prayer) from all the mosques and musallahs around you. Plus from all television, radio, and even mobile phones of some people around you. This one is surely the loudest in the day. Not only because of its multiplicity of existence, but it just is. One theory, as to why it is the loudest, would be because it is the prayer with the shortest time span of the day. About 90 minutes. <u>Volume approximation:</u> The peak of a bombing and shooting scene in a war film as we experience it in the cinema.
07.00 pm	<i>Adzan isha</i> (Islamic call for prayer) from all the mosques and musallahs around you. <u>Volume approximation:</u> A heated-conversation scene in the cinema.
08.00 pm	The domestic sound will start to tone down, but generally speaking, the sound of television will be louder.
09.00 pm	Geckos will start making their sounds... <i>Geck - ko, geck - ko, geck - ko...</i> Since the domestic sounds everywhere are toning down, you'll start to hear crickets too. <i>Chirp, chirp, chirp...</i> <u>Volume approximation:</u> A typical conversation scene in the cinema.

	<u>Estimativa de volume:</u> A constante paisagem sonora doméstica (máquina de lavar roupa, ventoinha, pratos a serem lavados, cozinhar e outras actividades de cozinha, alguém a gritar o nome de outra pessoa). E sim, acrescentamos o nosso quotidiano som doméstico a isto! NOTA: Isto durará TODO O DIA até ao ponto em que assinalaremos o momento quando suaviza.
11:00	Está bastante sossegado em casa neste momento.
12:00	<i>Adzan dzuhur</i> (chamada à oração islâmica) de todas as mesquitas e <i>musallahs</i> à nossa volta. <u>Estimativa de volume:</u> Uma típica cena de conversa no cinema, um tanto ou quanto mais baixa devido a outras paisagens sonoras ambientais. Se não estamos em casa, será o tagarelar de pessoas a dirigir-se para a sua pausa de almoço com o som exponencial dos transportes (carro, motos, autocarros, as suas buzinas a apitar devido ao trânsito, etc).
13:00	Em casa estará bastante sossegado. No trabalho estamos no zénite!
15:00	<i>Adzan ashar</i> (chamada à oração islâmica) de todas as mesquitas e <i>musallahs</i> à nossa volta. <u>Estimativa de volume:</u> Uma cena típica de conversa no cinema. Em algumas áreas é comum ouvir as crianças a aprenderem a recitar o Alcorão através dos megafones das mesquitas ou <i>musallahs</i> nesta altura do dia.
16:00	Vendedores ambulantes de comida de rua (como sopa de <i>noodles</i> e almôndegas, etc.) <u>Estimativa de volume:</u> O nosso professor de ginástica ou desporto a gritar connosco por causa dos nossos passos errados em dias de escola.
17:45	<i>Adzan maghrib</i> (chamada à oração islâmica) de todas as mesquitas e <i>musallahs</i> à nossa volta. E mais de todas as televisões, rádios e até telemóveis de algumas pessoas à nossa volta. Esta é certamente a mais barulhenta do dia. Não só devido à sua multiplicidade de existência, mas simplesmente porque é. Uma teoria que tenta explicar por que razão é a mais barulhenta reside em dizer que é a oração com o intervalo de tempo mais curto do dia. Cerca de 90 minutos. <u>Estimativa de volume:</u> O pico de uma cena de bombas e disparos num filme de guerra tal como a experienciamos no cinema.
19:00	<i>Adzan isha</i> (chamada à oração islâmica) de todas as mesquitas e <i>musallahs</i> à nossa volta. <u>Estimativa de volume:</u> Uma cena de conversa acalorada no cinema.
20:00	O som doméstico irá começar a suavizar, mas geralmente falando o som da televisão estará mais alto.
21:00	As osgas começarão a fazer os seus sons. <i>Gue-co, gue-co, gue-co...</i> Como os sons domésticos estão a suavizar por toda a parte, começaremos a ouvir grilos também. <i>Cri, cri, cri...</i> <u>Estimativa de volume:</u> Uma típica cena de conversa no cinema

1. Short bio, Danarto (b. Sragen, Central Java, 1940; d. Jakarta, 2018) was an artist who did it all from painting and installation to monologues and plays though he is most known as a literary figure for his short story writing and poetry. His first anthology, Godlob (Jakarta: Dongeng dari Dirah, 1975) includes 9 short stories written between 1967-1974 some of which had been published in *Zaman*, a magazine which he also contributes as an illustrator and column writer. In 1982, he won a prestigious literature award for a compilation of unorthodox short stories entitled Adam Ma’rifat (Jakarta: Balai Pustaka, 1982) which was labelled magical realist, as well as mystic and Sufistic. Soon after, he published his pilgrimage memoir Orang Jawa Naik Haji (Jakarta: Grafiti Pers, 1984) and started contributing regular columns to Islamic-leaning newspapers (such as Republika) and magazines (e.g., Ulumul Quran). Though Javanese culture and Islam has often been cited as having pivotal role in his works, it can’t be denied that Danarto was also moved by current events or at least his understanding of it (reality). Especially in his writings, one is constantly surprised by how time and space are presented. His acknowledgement of various realms, worldly and spiritual, the here and the hereafter produce a queer articulation of mundane reality.

2. Danarto, “Biography of Danarto, 1940 - ,” interview by Andy Nugraha, *On the record*, collection of Northern Illinois University Southeast Asia Digital Library, video recordings, <https://sea.lib.niu.edu/islandora/object/SEAIImages%3AYL-PG-019-DANARTO-MFE>

3. (asa), “Nama & Peristiwa” [Name & Events], *Kompas* daily, 25 January, 1987, News clipping collection of Dewan Kesenian Jakarta (Jakarta Arts Committee) <https://drive.google.com/file/d/1riFYqPBxpcscMoxpUPCLv59evqWSmrRo/view>

4. (asa), “Pemugaran Mesjid Kuno Harus Dilakukan Hati-hati” [Restoration of Ancient Mosques Must be Done Carefully], *Kompas* daily, 18 February 1987, News clipping collection of Dewan Kesenian Jakarta (Jakarta Arts Committee) <https://drive.google.com/open?id=1bzLdlYVmi2RXly5pzbAtMv8tTC7D1xnC>

11.00 pm

The later it becomes, the louder the environmental sounds become.
Volume approximation: A rather heated-conversation scene in the cinema. But, since it is environmental, some people call it the sound of the night.

AND REPEAT.

We hope you get a sense and therefore may understand if we are to say that: Even when you are home alone, there is no way to avoid all these mundane sounds, not to mention pitter-patter of the raindrops during rainy season, the lightning strike, or the buzzing mosquitoes and fly during the dry season. There is a chance of referring to these sounds as noises, but we’d rather not. It’d be too painful to condemn them as unwanted, undesired, or unregulated as we actually hear them on a daily basis since the day we were born.

[Fragment 7, Rachel]

At least for me, it has been rather easy to dismiss the sounds of people chattering while I work. Equipped with Zoom’s ‘background noise suppression’ option and my ‘fancy’ headphones —noises of people chattering around me has never really been a problem. As with noises in the evening, of the crickets and sways of the grass and trees —creepy yes, but disturbing not really.

Thinking about times when I wish my ears could ‘close’ itself and not hear things, it’s probably when I’m on a junction and the street busker plays music, making me feel bad for not paying for their actually not-too-bad performance. When my neighbour is renovating their house, which means between 9am to 5pm the builders and their machines work as I work, when the call to prayer starts just as I am starting to enjoy my Saturday working alone in the studio. It’s not that I need complete silence to do my work – but these sounds are just much harder to bear with somehow. Perhaps it’s because these are much louder than ‘nature’ sounds or perhaps it’s because I don’t pray as they pray though I haven’t really given much thought on how I’d feel if it were church bells ringing.

On prayers, calls, and my unsettling reaction, I am inclined to remember that Danarto¹ converted to Islam with an intent to bring himself closer to the majority of the country’s population. The late Danarto had once recount the most interesting visit during his trip praying in different mosques around Java, “There’s a lot of them that were interesting actually, for example, the mosque in Cirebon, Kasepuhan, the adzan [call for prayer] is done by seven persons, that’s a choir!”² This mosque was one of the forty that Danarto ended up visiting during the journey he undertook specifically to experience shalat (prayer) in the region’s various mosques³. There were six criterias that he has mentioned influenced his choices, one of them being “the unique nature of their ibadah (ritual) and khotbah (preaching) practices”⁴ Indeed, The Great Mosque of Cirebon or Masjid Agung Cipta Rasa [literally translated as The Great Mosque of *Rasa* Creation] as the official name dubs it has been doing *adzan pitu* [literally translated as seven call to prayer] since the time of Sunan Kalijaga, one of the revered saints of Islam in Indonesia, in the 16th century. This tradition is still practiced, though now only on Fridays and five loudspeakers amplifying the seven-person choir.⁵

23:00

Quanto mais tarde fica mais altos se tornam os sons ambientais
Estimativa de volume: Uma cena de conversa um tanto ou quanto acalorada no cinema. Mas como é ambiental algumas pessoas chamam-lhe o som da noite.

E REPETE

Esperamos que fique com uma ideia e, assim, possa entender se dissermos que: Mesmo quando estamos sozinhos em casa não há forma de evitar todos estes sons quotidianos, para não falar no tamborilar de gotas de chuva durante a estação chuvosa, o trovão, ou os mosquitos e moscas a zumbir durante a estação seca. Podemos referir-mo-nos a estes sons como barulhos, mas preferimos não o fazer. Seria demasiado doloroso condená-los enquanto malqueridos, indesejados ou desregulados. dado que os ouvimos diariamente desde o dia em que nascemos.

[Fragmento 7, Rachel]

Pelo menos para mim tem sido bastante fácil ignorar os sons de pessoas a tagarelar enquanto trabalho. Equipada com a opção de supressão de ruído de fundo do Zoom e os meus auscultadores “chiques” - os barulhos das pessoas a falar à minha volta nunca foram realmente um problema. O mesmo se passa com os barulhos do início da noite, dos grilos e do oscilar da relva e das árvores - arrepiantes, sim, mas perturbadores: não realmente.

Se eu pensar acerca de alturas quando desejei que os meus ouvidos se pudessem “fechar” e não ouvir coisas, vem-me provavelmente mais à cabeça o momento quando estou num cruzamento e o artista de rua toca música, fazendo-me sentir mal por não pagar pela sua performance, que na verdade não é assim tão má. Quando o meu vizinho está a fazer renovações na sua casa, o que significa que entre as 9 da manhã e as 5 da tarde os operários e as suas máquinas trabalham enquanto eu trabalho, quando a chamada à oração começa logo quando eu estou a começar a desfrutar do meu sábado a trabalhar sozinha no atelier. Não é que precise de silêncio total para fazer o meu trabalho – mas estes sons são simplesmente muito mais difíceis de suportar de algum modo. Talvez seja porque estes são muito mais barulhentos do que os sons da “natureza” ou talvez porque eu não rezo como eles rezam, embora não tenha realmente pensado muito sobre como me sentiria se fossem sinos de igreja a tocar.

Sobre rezas, chamadas à oração e a minha reacção de inquietação. sinto-me inclinada a lembrar que Danarto¹ se converteu ao Islão com a intenção de ficar mais próximo da maioria da população do país. O já falecido Danarto uma vez relatou a sua visita mais interessante durante a viagem em que rezou em diferentes mesquitas em torno de Java, “Muitas delas são interessantes, na verdade, por exemplo na mesquita em Cirebon, Kasepuhan, a *adzan* [chamada à oração] é feita por sete pessoas, isso é um coro!”² Esta mesquita foi uma das quarenta que Danarto acabou por visitar durante o percurso que ele fez especificamente para experienciar *shalat* (oração) nas várias mesquitas da região³. Havia seis critérios que ele mencionou influenciarem as suas escolhas, um deles sendo “a natureza única das suas práticas de *ibadah* (ritual) e *khotbah* (pregação)”⁴. De facto, A Grande Mesquita de Cirebon ou *Masjid Agung Cipta Rasa* [traduzido literalmente

1. Curta biografia. Danarto (n. Sragen, Java Central, 1940, m. Jacarta 2018) foi um artista que fez de tudo, desde pintura a instalação, de monólogos a peças, embora seja mais conhecido como figura literária pela sua escrita de contos e poesia. A sua primeira antologia, Godlob (Jacarta, Dongeng dari Dirah, 1975) inclui 9 contos escritos entre 1967 e 1974, alguns dos quais publicados em *Zaman*, uma revista para a qual também contribuiu enquanto ilustrador e cronista. Em 1982, recebeu um prestigioso prémio de literatura por uma compilação de contos pouco ortodoxos chamada Adam Ma’rifat (Jacarta, Balai Pustaka, 1982) que foi catalogada como realismo mágico, bem como mística e sufista. Pouco depois, publicou o seu livro de memórias sobre a sua peregrinação, Orang Jawa Naik Haji (Jakarta: Grafiti Pers, 1984) e começou a contribuir com crónicas regulares para jornais (como o Republika) e revistas (p.e. Ulumul Quran) de tendência islâmica. Embora a cultura Javanesa e o Islão tenham sido muitas vezes citados como tendo um papel central na sua obra, não pode ser negado que Danarto era também movido por acontecimentos actuais ou pelo menos o seu entendimento deles (da realidade). Somos constantemente surpreendidos, especialmente nos seus escritos, pela forma como o tempo e o espaço são apresentados. O seu reconhecimento de vários reinos, mundanos e espirituais, o aqui e o além, produzem uma articulação *queer* da realidade mundana.

2. Danarto, “Biography of Danarto, 1940 - ,” entrevista por Andy Nugraha, *On the record*, colecção de Northern Illinois University Southeast Asia Digital Library, registo vídeo, <https://sea.lib.niu.edu/islandora/object/SEAIImages%3AYL-PG-019-DANARTO-MFE>

3. (asa), “Nama & Peristiwa” [Nome & Eventos], Kompas daily, 25 Janeiro, 1987, Colecção de recortes de jornal de Dewan Kesenian Jakarta (Comité Artístico de Jacarta) <https://drive.google.com/file/d/1riFYqPBxpcscMoxpUPCLv59evqWSmrRo/view>

4. “Pemugaran Mesjid Kuno Harus Dilakukan Hati-hati” [Restauração de Mesquitas Antigas Deve Ser Feito com Cuidado], diário Kompas, 18 Fevereiro 1987, Colecção de recortes de jornal de Dewan Kesenian Jakarta (Comité Artístico de Jacarta) <https://drive.google.com/open?id=1bzLdlYVmi2RXly5pzbAtMv8tTC7D1xnC>

5. Muhamad Syahri Romdhon, “Azan Pitu, Tradisi Masjid Sang Cipta Rasa Cirebon Sejak Zaman Wali Sanga” [Azan Pitu, The Sang Cipta Rasa Cirebon Mosque Tradition Since The Time of Wali Sanga], *Kompas*, May 10, 2019, <https://regional.kompas.com/read/2019/05/10/18330821/azan-pitu-tradisi-masjid-sang-cipta-rasa-cirebon-sejak-zaman-wali-sanga?page=all> [Accessed: 14 March 2021]

Regardless of how curious I am about this ‘choir’ and wishing to one day experience it for myself, I can’t help but wonder, if I can’t tune out even the relatively subtle call to prayer on Saturdays, will I indeed never be close enough with the rest of this country’s population? Surely there are just too many mosques within a very close distance hence the echoing-like experience of *adhan maghrib*?

[Fragment 1, we]

[see image 1]

[Fragment 19, Grace]

It is 1am, I am tired. I am going to shower and cool my head with a bottle of cold beer on my porch before I go to bed. After a cool shower, I walked out, and sat with my beer. I can hear constant low humming sound from across my porch, the sounds of crickets, middle-aged men chattering in less than 1km from me, and an indistinct machinery banging sound. The middle-aged men are doing *ronda*, a daily nightwatch by the people from within the community. The banging sound is from the home-industry printing company next to my house, sometimes with their cheesy early 2000s Indonesian pop songs crying rather loud for 1am. A distant blaring bell sound will remind me that it’s 2am. An old textile industry within 1km radius of my house is sending their workers home with that bell. Off I go to bed. And the rest of my daily soundscapic experience is as Rachel and I have introduced above.

Just as a side note, I think most of us Indonesians have funny stories about the *adhan subuh*. Let me tell you one. A friend who is a tour guide once had dozens of missed calls on her phone the moment she woke up. She wondered why and called back. The receptionist of a rather too expensive yet exotically Javanese suburb-hotel answered and filed his complaint with giggles here and there. “Your ladies group guest called us slightly before dawn. [Clearing throat.] They asked us to turn down the volume. [Giggle.] It took us some seconds to figure out. [Giggle, clearing throat.] But we asked away, ‘Sorry, mam, what volume do you mean?’ [Giggle.] And they basically said of that Arabic TV series that we were watching! [Laughter.]” My tour guide friend laughed and said, “Stop watching Arabic sitcoms all night long!” There really was nothing to be said. Laughter is probably their way to remain sane or to address a problem that seemingly is taboo to be labeled as a problem. I have to say, I myself no longer hear the *adhan subuh*. Either my body is used to it or I am just lucky to live in an area where the *muadzin* has a beautiful voice with an obvious Javanese dialect even in his Arabic prayer. Maybe I had no option but to consider it beautiful. But, nevermind... I often wonder, along this consolation of mine, could this be one of the reasons that Danarto became a Muslim? So that when the *adhan* calls, he has the same reason to move, to act, to *shalat*?

[Fragment 31, Rachel]

Danarto’s short story, ABRACADABRA, was written in 1974 and published in his first anthology, Godlob (1975). My initial interest in this short story is due to the surprising presence of the writer when I read it the first time around. The writer

como A Grande Mesquita da Criação *Rasa*], como o nome oficial a apelida, já faz *adhan pitu* [que se traduz literalmente em sete chamadas à oração] desde o tempo de Sunan Kalijaga, um dos santos reverenciados do Islão na Indonésia, do século XVI. Esta tradição é ainda hoje praticada, embora agora apenas às sextas-feiras e cinco altifalantes amplificam o coro de sete pessoas⁵.

Independentemente do quanto estou curiosa em relação a este “coro” e do quanto deseje um dia experienciá-lo eu própria, não consigo evitar interrogar-me: se eu não consigo dessintonizar mesmo a relativamente subtil chamada à oração aos sábados, estarei eu de facto alguma vez próximo o suficiente do resto da população deste país? Por certo existem simplesmente demasiadas mesquitas no espaço de uma distância muito próxima, daí a experiência de eco da *adhan maghrib*?

[Fragmento 1, nós]

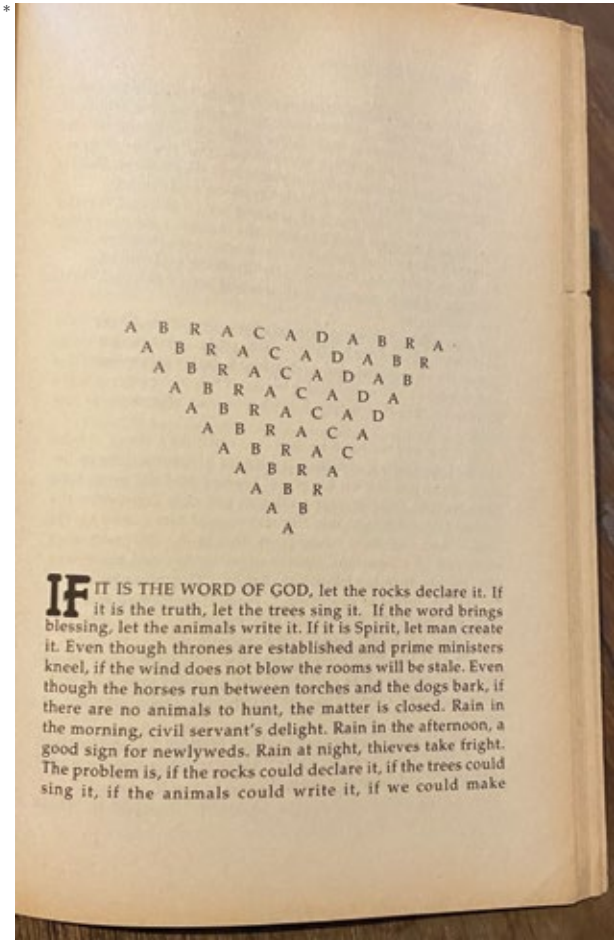
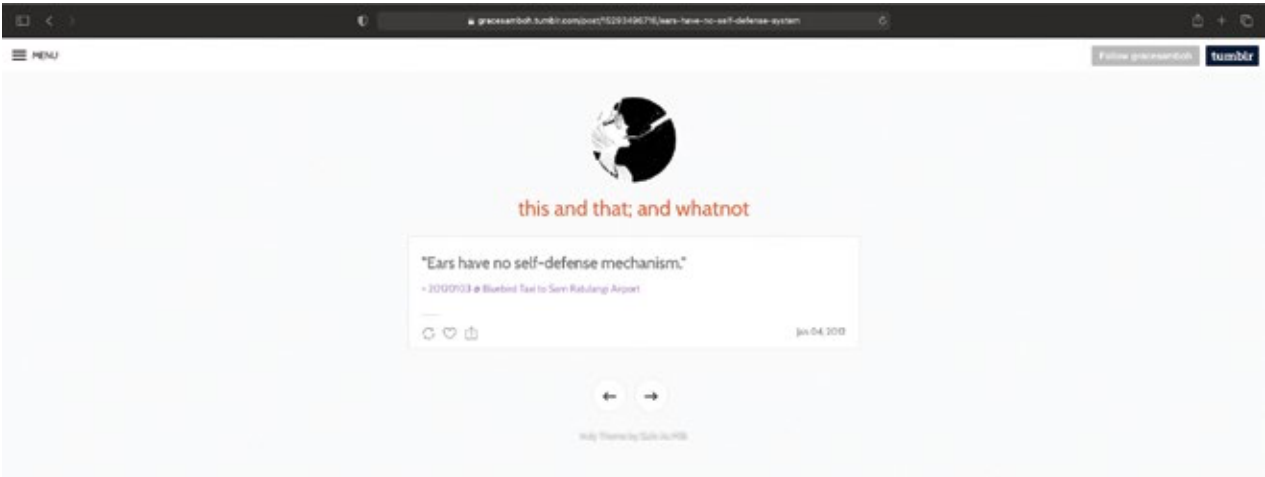
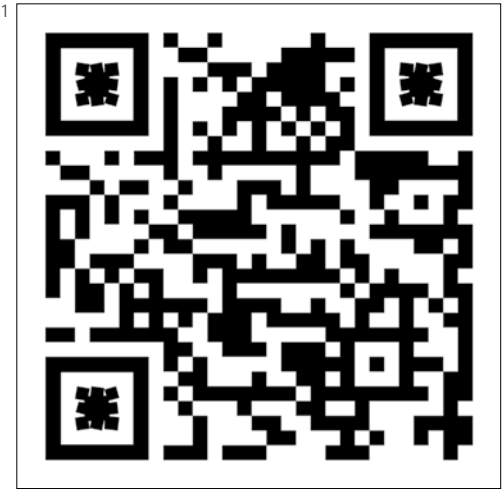
[ver imagem 1]

[Fragmento 19, Grace]

É uma da manhã, estou cansada. Vou tomar um duche e arrefecer a cabeça com uma garrafa de cerveja fria no meu alpendre antes de me ir deitar. Depois de um duche fresco, saio e sento-me com a minha cerveja. Consigo ouvir um zumbido baixo constante do outro lado do meu alpendre, os sons dos grilos, homens de meia idade a falar a menos de 1 km de mim e um som vago dos estrondos de maquinaria. Os homens de meia idade estão a fazer *ronda*, uma vigília nocturna diária feita pelas pessoas de dentro da comunidade. O som de estrondos é da empresa tipográfica de indústria caseira ao lado da minha casa, por vezes simultâneo com as suas canções pop indonésias pirosas do início da década de 2000, a berrar um tanto ou quanto alto para as horas que são. Um som estridente de uma campanha distante lembra-me que são 2 da manhã. Uma velha indústria têxtil no raio de 1 km da minha casa está a mandar os seus trabalhadores para casa com essa campanha. E lá vou eu para a cama. E o resto da experiência diária da minha paisagem sonora é como a Rachel e eu apresentámos em cima.

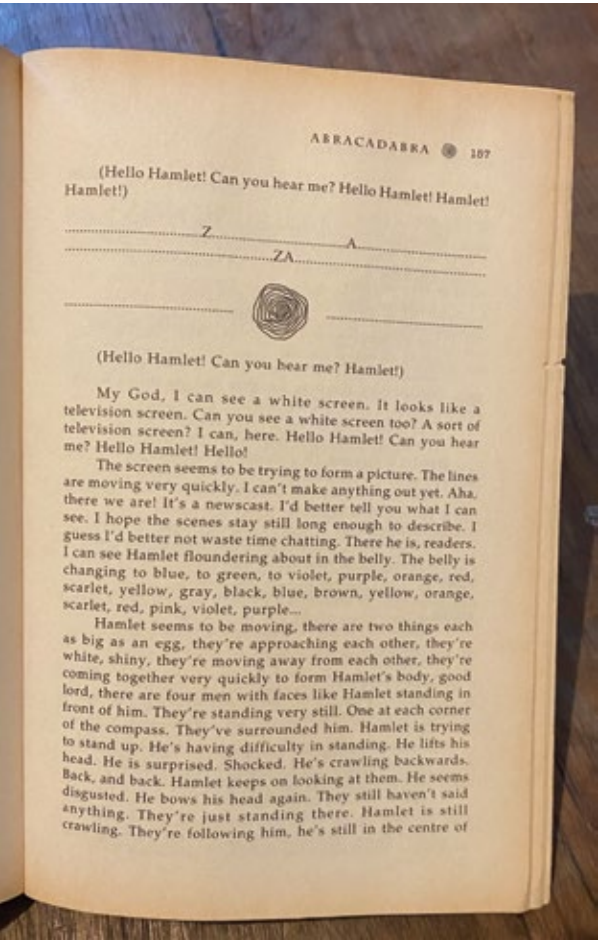
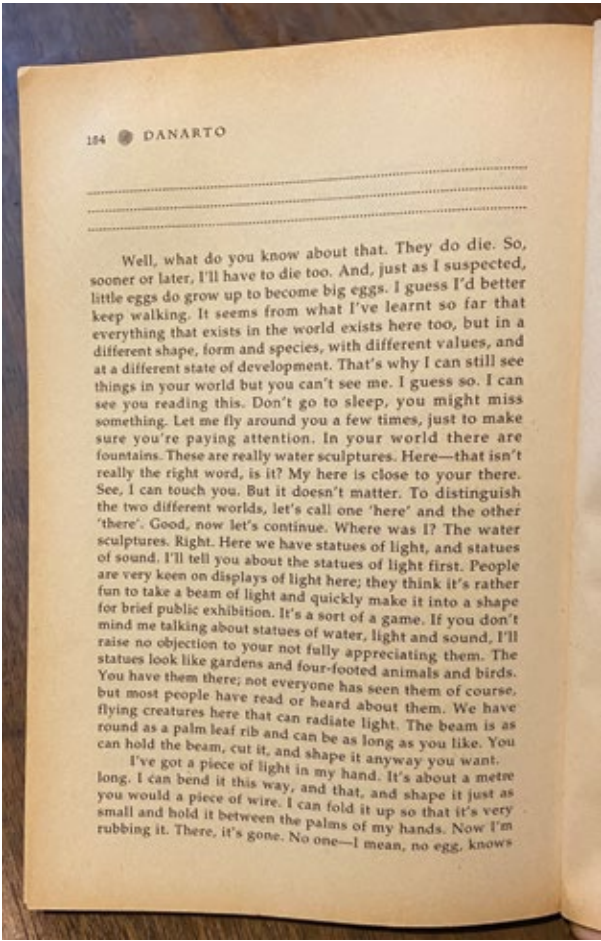
Só como comentário paralelo, penso que a maior parte de nós indonésios tem histórias engraçadas acerca da *adhan subuh*. Permitam-me que conte uma. Uma amiga que é guia turística uma vez tinha dezenas de chamadas não atendidas no seu telefone no minuto em que acordou. Perguntou-se porquê e devolveu a chamada. O recepcionista de um hotel dos subúrbios bastante caro ainda que exoticamente Javanês atendeu e registou a sua queixa com risos aqui e ali. “Uma hóspede do vosso grupo de senhoras ligou-nos um bocadinho antes de madrugada [limpa a garganta]. Pediram-nos para baixar o volume. [Riso] Levou-nos uns segundos a perceber [Riso, limpa a garganta] Mas nós perguntámos ‘Desculpe minha senhora, mas de que volume está a falar?’ [Riso] E elas essencialmente disseram que era dessa série de televisão árabe que estávamos a ver! [Gargalhadas]”. A minha amiga guia turística riu-se e disse “Parem de ver *sitcoms* árabes a noite toda!”. Não havia realmente coisa alguma a ser dita. O riso é provavelmente a sua forma de se manterem sãos ou de abordar um problema que é aparentemente tabu ser catalogado como um problema. Devo dizer que eu própria já não ouço a *adhan subuh*. Ou o meu corpo se habituou ou tenho simplesmente sorte de viver numa zona em que o *muadzin* tem uma voz linda

5. Muhamad Syahri Romdhon, “Azan Pitu, Tradisi Masjid Sang Cipta Rasa Cirebon Sejak Zaman Wali Sanga” [Azan Pitu, A Tradição da Mesquita Sang Cipta Rasa Cirebon Desde os Tempos de Wali Sanga], *Kompas*, 10 Maio, 2019, <https://regional.kompas.com/read/2019/05/10/18330821/azan-pitu-tradisi-masjid-sang-cipta-rasa-cirebon-sejak-zaman-wali-sanga?page=all> [Último acesso: 14 Março 2021]



* Source of images: Danarto, *Abracadabra*, trans. Harry Aveling (Jakarta: Metafor Publishing, 2001)

Fonte das imagens: Danarto, *Abracadabra*, trad. Harry Aveling (Jacarta: Metafor Publishing, 2001)



introduces himself in the story without disturbing its flow. The writer’s presence somewhat intrigues me and to be honest, the way Danarto writes about himself and his thoughts is rather funny. In ABRACADABRA, the story unfolds together with our awareness of what’s happening. Without having any control, the readers’ [our] position in the story is made apparent. To think of it as a magic show, this performance is divided into three acts.

The first act confronts us with a conversation between Hamlet and Horatio in anticipation of Hamlet’s death. The second act begins after Hamlet dies, and the magician, or the writer himself, announces the success of his trick by addressing the readers and prepares us for the next trick. The magician vanishes and we are left with Hamlet, he is now speaking to us about a new-found experience he is going through. After going into a ‘building’, the writer reappears and explains that our connection with Hamlet has dropped. Writer can no longer hear Hamlet but admits that a screen appears in front of him. The screen broadcast Hamlet in a place somewhere else and the writer describes what he is seeing. The third act starts as the writer once again stops seeing Hamlet through the screen and teleports to a hospital where he finds Hamlet lying on a bed. The writer once again vanishes as he finds Hamlet.

In this story, the writer, or the author if you’d like, vanished twice. First right after he introduced himself and handed over the ‘mic’ to Hamlet (in the second act), and second right after he found Hamlet again on a hospital bed (in the third act). But the silence found in this story I would argue is not within the vanishing effects produced by the writer in visual forms amidst his texts, nor the dropping of connection between us and Hamlet. First reason being that both vanishing effects were only produced once Danarto *voiced* himself and his thoughts. This act prompts us to acknowledge his presence as well as our position in the story. We are addressed by him, and though we are unable to verbally answer, we are imposed by an answer to which he replies back.

[Fragment 29, Grace]

No one portion of time can coincide with another. This is so true that we could only apprehend the sound object in the two ways it presented itself: either as a project, the score, or as a "memory" of the performance.
— Pierre Schaeffer, 1952 (Eng trans. 2012), p. 133⁶

The dots that eventually formed some sort of a line, a break, a pause, from words, from the story or as a necessary part of the story. One might also think of it as silence, but as Rachel and I have tried illustrating in the start of this piece, silence is absent in our daily lives. The seemingly random alphabet (Z and A), even if it is indeed readable, does not seem to perform as cognitive information, therefore one may also see it as a form of break, pause, silent, from the dots. But if the dots were to perform silence, as one may have thought of it, what role do these alphabets serve? Are they a notion to contrast the line-made-of-dots so that they can perform their silence? What about the wobbly vortex?

com um dialecto obviamente javanês mesmo na sua oração árabe. Talvez não tenha tido opção senão considerá-la linda. Mas, deixem lá... Eu muitas vezes me pergunto, juntamente com esta consolação minha: poderá ser esta uma das razões por que Danarto se tornou Muçulmano? Para que quando a *adzan* chama ele ter a mesma razão para se mexer, agir, fazer *shalat*?

[Fragmento 31, Rachel]

O conto de Danarto, ABRACADABRA, foi escrito em 1974 e publicado na sua primeira antologia Godlob (1975). O meu interesse inicial neste conto deve-se à surpreendente presença do escritor quando o li pela primeira vez. O escritor apresenta-se a si próprio na história sem perturbar a sua fluidez. A presença do escritor intriga-me de certa maneira e, para ser honesta, a forma como Danarto escreve acerca de si próprio e dos seus pensamentos é bastante divertida. Em ABRACADABRA a história desenrola-se ao mesmo tempo que a nossa consciência daquilo que se está a passar. Sem ter qualquer controlo, a posição dos leitores [a nossa] na história é definida. Para pensar nisto como um espectáculo de magia, esta performance está dividida em três actos.

No primeiro acto somos confrontados com uma conversa entre Hamlet e Horácio em antecipação da morte de Hamlet. O segundo acto começa após Hamlet morrer e o mágico, ou o escritor ele próprio, anuncia o sucesso do seu truque abordando os leitores e prepara-nos para o próximo truque. O mágico desaparece e somos deixados com Hamlet, ele fala agora connosco acerca de uma experiência recém-descoberta pela qual está a passar. Depois de entrar num “edifício”, o escritor reaparece e explica que a nossa ligação com Hamlet caiu. O escritor não consegue mais ouvir Hamlet mas admite que um ecrã aparece à sua frente. O ecrã emite Hamlet num sítio algures noutro lado e o escritor descreve o que está a ver. O terceiro acto começa com o escritor a mais uma vez deixar de ver Hamlet através do ecrã e a teletransportar-se para um hospital onde encontra Hamlet deitado numa cama. O escritor mais uma vez desaparece quando encontra Hamlet.

Nesta história, o escritor, ou o autor se preferirem, desaparece duas vezes. Primeiro logo após se ter apresentado e passado o “microfone” a Hamlet (no segundo acto) e, em segundo lugar, logo após ter descoberto Hamlet mais uma vez numa cama de hospital (no terceiro acto). Mas o silêncio encontrado nesta história, argumentaria eu, não se encontra dentro dos efeitos de desaparecimento produzidos pelo escritor em formas visuais pelo meio dos seus textos, nem no cair da ligação entre nós e Hamlet. Desde logo porque ambos os efeitos de desaparecimento só foram produzidos assim que Danarto *deu voz* a si próprio e aos seus pensamentos. Este acto leva-nos a reconhecer imediatamente a sua presença bem como a nossa posição na história. Nós somos abordados por ele e, embora sejamos incapazes de responder verbalmente, impomo-nos através de uma resposta à qual ele também responde de volta.

6. Pierre Schaeffer, *In Search of a Concrete Music*, trans. Christine North and John Dack (Berkeley, Los Angeles, London: University of California Press, 2012)

[Fragmento 29, Grace]

Nenhuma porção de tempo pode coincidir com outra. Isto é tão verdadeiro que só conseguimos apreender o objecto sonoro nas duas formas em que ele se apresenta: quer como projecto, a partitura, ou enquanto “memória” da performance.
— *Pierre Schaeffer, 1952*⁶

6. Pierre Schaeffer, *In Search of a Concrete Music*, trad. Christine North e John Dack (Berkeley, Los Angeles, Londres: University of California Press, 2012)

Os pontos que finalmente formam alguma espécie de linha, uma quebra, uma pausa das palavras, da história ou enquanto parte necessária da história. Também podemos pensá-la como silêncio, mas como Rachel e eu tentámos ilustrar no início deste artigo, o silêncio está ausente das nossas vidas diárias. O aparentemente aleatório alfabeto (Z e A), mesmo que seja de facto legível, não parece actuar enquanto informação cognitiva e, assim, nós podemos também vê-lo como uma forma de quebra, pausa, silenciosa, em relação aos pontos. Mas se os pontos desempenhassem silêncio, como poderíamos ter pensado, que papel servem estes alfabetos? São eles uma ideia para fazer contraste com a linha feita-de-pontos, para que eles possam desempenhar o seu silêncio? Então e o vórtice trémulo?

*) Together with Hyphen —, Rachel Surijata and Grace Samboh is currently conducting a research project that aims to unfold the different trajectories in Danarto's life and his artistic oeuvre, from the visual art, literature, theater, and films.

Since 2011, **Hyphen** — function as an alias whatever kind of work its people do together, be it research, archiving, editorial, publishing, hosting residencies, making exhibitions, generating discussions and conversations, barbecue nights, or karaoke. In general, the group seeks to sew bits by bits of the fragmented Indonesian art history. A number of interests throughout the discussions are rooted into one stance: (re) reading Indonesian contemporary arts practice and putting it into its own historical context.

Rachel K Surijata (b. Jakarta, 1997) recently received her BA in Anthropology and Media with a dissertation about sound in museums. Her interest in listening and looking into people who geek is currently exercised in different curatorial and research work. Rachel currently lives and works between Jakarta and Yogyakarta, Indonesia.

Grace Samboh (b. Jakarta, 1984) cannot stay put, so she works in Yogyakarta, Jakarta, Jatiwangi or Medan. Due to questioning too many things at once, she does curatorial work as well as groundwork research. She is interested in unravelling how social realities, relationships and the past formulate in contemporary practices.

*) Juntamente com Hífen – Rachel Surijata e Grace Samboh estão actualmente a levar a cabo um projecto de investigação que tenta desembrulhar as diferentes trajectórias da vida de Danarto e sua obra artística, das artes visuais à literatura, teatro e cinema.

Desde 2011, **Hífen** – funciona como um pseudónimo qualquer que seja a espécie de trabalho que os seus membros fazem juntos, seja investigação, arquivologia, trabalho editorial e de publicação, acolher residências, fazer exposições, gerar discussões e conversas, noites de churrasco ou karaoke. Em geral, o grupo procura costurar bocadinho por bocadinho a fragmentada história de arte indonésia. Muitos dos interesses ao longo das discussões encontram-se enraizados numa postura: (re)ler a prática das artes contemporâneas indonésias e colocá-la no seu próprio contexto histórico.

Rachel K Surijata (n. Jacarta, 1997) licenciou-se recentemente em Antropologia e Media com uma dissertação sobre o som nos museus. A sua curiosidade em ouvir e debruçar-se sobre pessoas que se investem por inteiro nos seus interesses é actualmente exercitada em diferentes trabalhos curatoriais e de investigação. Rachel vive e trabalha actualmente entre Jacarta e Yogyakarta, Indonésia.

Grace Samboh (n. Jacarta, 1984) não consegue parar quieta, portanto trabalha em Yogyakarta, Jacarta, Jatiwangi ou Medan. Como questiona demasiadas coisas ao mesmo tempo faz trabalho curatorial bem como investigação de base. Tem interesse em desnovelar a forma como as realidades e relações sociais e o passado são formulados em práticas contemporâneas.

editorial coordination
coordenação editorial



coordination
coordenação



4Cs - From Conflict to Conviviality
through Creativity and Culture



Co-funded by the
Creative Europe Programme
of the European Union

support
apoio



REPÚBLICA
PORTUGUESA
CULTURA

dgARTES
DIREÇÃO-GERAL
DAS ARTES

FCT
Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia

K:
Statens
Kunstfond



Centro de
Investigação
Artística

NANO
GALERIA